

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

CELSO MARIA DE MELLO PUPO
(1899)

Contrariando nossa praxe de nesta seção de “Vultos da Historiografia Brasileira” dar guarida apenas a autores já falecidos, abrimos uma exceção neste número julgando oportuno tratar de um historiador felizmente ainda vivo, mas já centenário, pois viu sua honrosa data transcorrer a 5 de agosto do corrente ano. Assim, representa esta seção, também, uma homenagem especial a Celso Maria de Mello Pupo, que sempre se mostrou muito amigo desta publicação, com ela já tendo colaborado.

Nascido em São Vicente, no litoral paulista, pouco viveu em sua cidade natal. Ainda muito jovem veio para a Capital, onde se processou sua formação humanística, finda a qual, radicou-se em Campinas, onde vive até hoje. Integrado na vida comunitária, prestou à cidade assinalados serviços nos mais diversos setores - cultural, social, profissional, filantrópico - fazendo jus à cidadania honorária que a Câmara Municipal lhe atribuiu.

O fato de não ter nascido em Campinas em nada diminuiu seu campineirismo e o traço mais significativo deste seu sentimento está expresso no interesse que sempre demonstrou pela história da cidade, da qual se tornou um dos seus maiores cultores.

Ao estudar o passado campineiro, fê-lo não apenas como pesquisador frio e excessivamente preso à linguagem dos documentos, mas, e sem naturalmente desprezá-la, também com alma e coração. Seus dois livros **Campinas, seu berço e juventude**, de 1979, e **Campinas, um município no Império**, de 1983, são dois marcos significativos não apenas da historiografia campineira, mas da própria historiografia

nacional. Já foi dito - e por mais de uma vez - que a historiografia de Campinas pode ser dividida em duas fases: antes e depois dos livros de Celso Maria de Mello Pupo.

Sobre o primeiro deles, escreveu o prefaciador, o saudoso Lycurgo de Castro Santos Filho, na época presidente da Academia Campinense de Letras, que editou o livro:

“Após anos de meticolosas pesquisas e de exaustivas consultas às fontes primeiras e secundárias, conseguiu arquitetar uma obra que se projeta como um marco na historiografia de Campinas.

Este é um estudo singular, pela apresentação e pela interpretação. Assim é que o nascimento da povoação é descrito sob prisma até agora inexplorado. E encarando e analisando a evolução sob o signo da evolução agrária, periodizando em etapas que decorreram sob a influência do milho, do açúcar e do café, Celso Mello Pupo abre uma nova perspectiva, e apropriada, pois foi realmente a produção agrícola o fator determinante do progresso de Campinas através dos anos. Dessa forma, os sucessos históricos, em todos os seus aspectos, econômicos, sociais, culturais, são interpretados como decorrentes, em última análise, da produção agrícola. Por outro lado, o nascimento da cidade é apresentado debaixo de uma feição diversa daquela que vem sendo contada. O pouso, deserto deixa de ser o núcleo inicial do povoado, numa explicação cabal e comprovada.

Três amplos capítulos encerram os numerosos itens que descrevem a evolução. Dentro do ciclo do milho surgiu a povoação que logo se tornou distrito e freguesia. Na era açucareira fez-se a vila e cresceu o burgo. Do tempo do café é a grandeza da cidade imperial. Nos dias atuais é que brotou o surto industrial. Nesses três capítulos esboça-se, delinea-se e completa-se a evolução da cidade, na sua configuração, nas suas ruas e casas, nas propriedades rurais, nos seus atos e datas marcantes, nos seus sucessos notórios, nos seus costumes, na sua arte e na sua música, no seu povo e nos seus homens notáveis."

Do segundo livro, pode-se dizer tratar-se de uma das mais belas edições realizadas no Brasil. Mas, erraria quem visse em seu livro apenas a apresentação material. Esta, por importante que seja, não deverá ofuscar a enorme tarefa de pesquisa a que se abalçou o autor ao estudar o cotidiano campineiro do século passado, como

critérios observou Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, em comentário transcrito páginas atrás deste mesmo fascículo. Tarefa das mais difíceis, pois além do espírito de pesquisa, do critério no tratamento das fontes, do exame cuidadoso da documentação ilustrativa, do discernimento na apreciação dos valores, exige requinte, bom gosto e sensibilidade. E tudo isso o autor demonstrou possuir.

A esses dois livros, acrescentem-se o documentado estudo sobre “A primeira luta política de Campinas no século XVIII”, incluída na “Monografia histórica de Campinas” (publicação do IBGE, de 1952), o “elogio histórico” de Paulo Álvares Lobo, seu patrono na Academia Campinense de Letras, o alentado estudo sobre Almeida Nogueira (Rev. do Arquivo Municipal, nº 190, de 1978), diversos artigos na Revista do Inst. Hist. e Geogr. de Paulo e na série de publicações periódicas da Academia Campinense de Letras e uma variada colaboração na imprensa local, quase sempre abordando temas da história campineira.

Infelizmente permanece inédito um livro, para o qual o responsável por esta publicação teve o privilégio de escrever o prefácio e que viria preencher sensível lacuna na historiografia musical de nosso país: a biografia do compositor ituano Elias Lobo.